

ILUSTRAÇÕES

LÍVIO ABRAMO (1903-1993)

Por Olívio Tavares de Araújo

Lívio Abramo conclui *Pelo Sertão* em 1948; em termos de técnica, reconhecimento e prestígio chegará na década seguinte ao ponto mais alto de sua trajetória; desde então passa a ser visto e tratado como o mestre consumado que se tornou. Nos anos 1950, toda a gravura no Brasil adquire visibilidade. Fugindo da guerra, vivera no Rio o austríaco Axl von Leskoschek, bom gravador e ilustrador de livros, que abre esse mercado de trabalho. A geração de Fayga e Grassmann resgata os pioneiros e lhes tributa sua admiração. Velhos companheiros de Lívio, como Geraldo Ferraz e Mário Pedrosa, tornam-se críticos de primeira importância e se encontram em condições de propagar-lhe a qualidade. No intervalo de três anos, ele recebe os dois maiores prêmios brasileiros em dois campos antagônicos: no Rio, em 1950, o de Viagem ao Estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna – reduto da arte nacionalista, figurativa e engajada; em 1953, o de Melhor Gravador Nacional na Bienal de São Paulo – reduto da vanguarda abstracionista e internacionalizante.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em função dos novos interesses geopolíticos e econômicos passam a circular novos modelos culturais. Entre 1947 e 51 criam-se o Museu de Arte de São Paulo, os de Arte Moderna de São Paulo e Rio, e a Bienal de São Paulo. Não se faz ideia, hoje, do ataque cerrado que a Bienal sofreu. Foi tachada de “truste internacional de arte chefiado por Nelson Rockefeller”, desejoso de “reforçar suas bases no Brasil”, e de “máquina de corrupção e propaganda”, empenhada em mergulhar-nos no “pântano do formalismo moderno”.

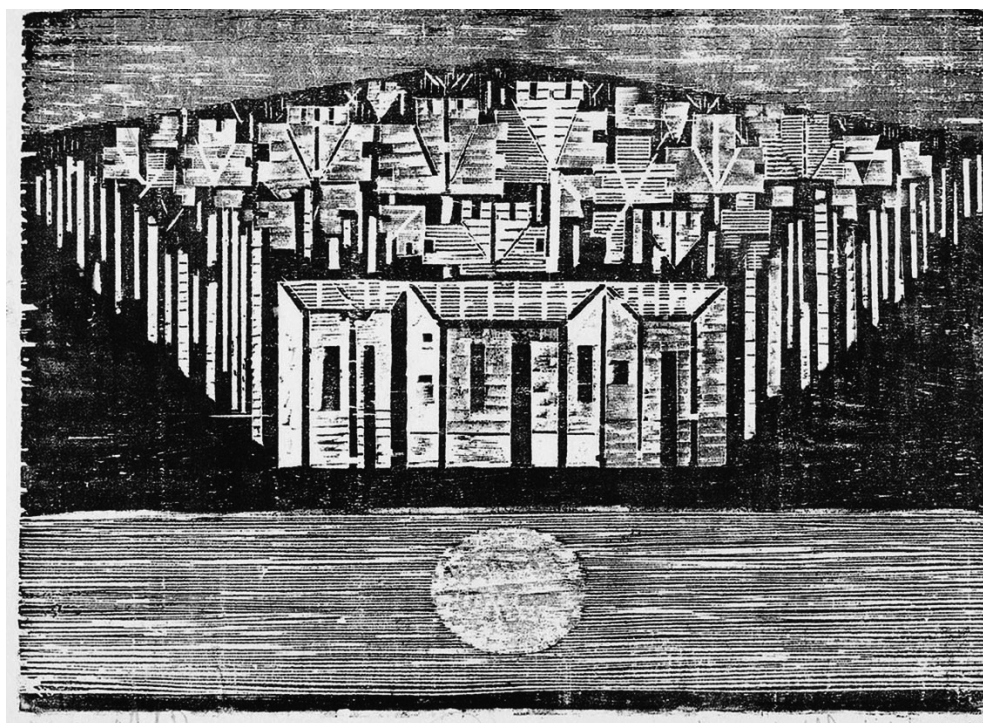
...

Na década de 1950, pois, as gravuras de Lívio Abramo sobre o Rio são adequada e belamente virtuosísticas, assim como seus cavalos serão sempre belamente elegantes. Transfiguram a paisagem carioca, sem necessidade de identificar nenhum local. Cerca-as, mais uma vez, uma aclamação unânime – ou quase, como se verá mais adiante. Para Mário Pedrosa, configuram um Rio “inédito, fulgurante e forte”, uma “visão monumental que o artista cria simplesmente pela acentuação contrastante de verticais e horizontais”, utilizando-se de instrumentos que são “um prolongamento dos músculos e dos nervos”, e que ele “controla como um condutor de mil rédeas”. Dentre

outras, escolho essas palavras de Pedrosa, pinçadas em três textos de épocas distintas, não apenas pela competência do autor mas também por estarem tão justamente encantadas pelo elemento técnico-formal. Visivelmente, o virtuosismo não incomoda o crítico. Ao contrário.

Como em *Pelo Sertão*, sobre a armação sólida das formas o ritmo é intenso, com marcações incisivas em branco e preto atirando-se de um ponto para outro. A imagem e a matéria são detalhadíssimas, intrincados produtos de uma ourivesaria em que o gravador exercita minuciosamente todos seus recursos. *Nas Festas*, girândolas e mandalas incrustam-se no espaço, ao mesmo tempo rendadas e solenes, remetendo talvez (como o próprio autor cogitava) às rosáceas das catedrais góticas, que ele visitara havia pouco na Europa.

(Trecho do livro *Um novo olhar amoroso*, 2021, pp. 307-312)



La ciudad de Los Palmares
(Lívio Abramo, xilogravura, 1957)